




---

## **“JÁ CURTIU ALGUM VÍDEO HOJE?”: UM ESTUDO DO ENGVID NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS**

---

### **“HAVE YOU LIKED ANY VIDEO TODAY?”: A STUDY OF ENGVID IN THE TEACHING-LEARNING ENGLISH PROCESS**

---

### **“¿YA HAS DADO UN ME GUSTA EN ALGUN VIDEO HOY?”: UN ESTUDIO DEL ENGVID EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE DEL INGLÉS**

---

Ricardo Regis de Almeida<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

O objetivo do presente estudo é analisar em que medida os vídeos presentes no website *EngVid* podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa mediado pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). Para tanto, a base teórica do trabalho está ancorada nos estudos sobre mediação pedagógica e as TDIC e em estudos sobre o uso do vídeo na sala de aula. De natureza qualitativo-interpretativista, o website que engendra o estudo é contextualizado com base em uma tabela de critérios voltada para a avaliação de ferramentas digitais de informação e comunicação, seguido da análise de três vídeos presentes na página do *EngVid* de acordo com as seguintes proposições: vídeo como sensibilização, vídeo como conteúdo de ensino e vídeo como expressão. As análises apontam que é possível integrar as TDIC em práticas pedagógicas que buscam valorizar a relação dialética e política entre os sujeitos que utilizam esses vídeos para aprender línguas (sujeitos sociais) e a própria ferramenta (objeto técnico).

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino-aprendizagem. Língua inglesa. Mediação pedagógica. Tecnologias digitais de informação e comunicação.

#### **ABSTRACT**

The objective of this study is to analyze to what extent the videos on the website *EngVid* can foster the English language teaching-learning process mediated by the digital information and communication technologies (DICT). Therefore, the theoretical basis of the work is drawn on the assumptions of pedagogical mediation and DICT and on studies about videos in the ESL classroom. Drawing on the qualitative-interpretativist research assumptions, there is a contextualization of the website based on a criteria table designed to evaluate digital tools and the analyses of three videos present on the *EngVid* page according to the following propositions: video as awareness, video as teaching content and video as expression. The analyses show that it is possible to integrate the DICT in pedagogical practices that seek to enhance the dialectical and political relationship between the subjects who use these videos to learn languages (social subjects) and the tool itself (technical object).

**KEYWORDS:** Teaching-learning. English. Pedagogical mediation. Digital information and communication technology.

---

**Submetido em:** 11/10/2021 – **Aceito em:** 01/04/2022 – **Publicado em:** 28/04/2022

<sup>1</sup> Doutorando em Letras e Linguística: Ensino e aprendizagem de segundas línguas e línguas estrangeiras, Universidade Federal de Goiás - UFG, [ricardoregisalmeida@gmail.com](mailto:ricardoregisalmeida@gmail.com)



## RESUMEN

El objetivo del estudio es analizar en qué medida los vídeos de la web EngVid pueden favorecer el proceso de enseñanza-aprendizaje de la lengua inglesa mediado por las tecnologías digitais de la información y la comunicación (TDIC). Por tanto, la base teórica del trabajo se ancla en los supuestos de la mediación pedagógica y las TDIC y en estudios sobre el uso de videos en las aulas de inglés. Partiendo de los supuestos de la investigación cualitativa-interpretacionista, se realiza una contextualización del sitio web a partir de una tabla de criterios diseñada para evaluar herramientas digitales y el análisis de tres videos presentes en la página EngVid según las siguientes proposiciones: video como conciencia, video como contenido didáctico y video como expresión. Los análisis muestran que es posible integrar el TDIC en prácticas pedagógicas que buscan potenciar la relación dialéctica y política entre los sujetos que utilizan estos videos para aprender idiomas (sujetos sociales) y la propia herramienta (objeto técnico).

**PALABRAS CLAVE:** Enseñanza-aprendizaje. Lengua inglesa. Mediación pedagógica. Tecnologías digitais de la información y la comunicación.

## INTRODUÇÃO

O ensino de línguas mediado pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) tem levado diversos autores da Linguística Aplicada (LA) a pesquisarem as implicações da utilização dessas tecnologias no contexto educacional brasileiro (PAIVA, 2015; FIGUEIREDO; GONÇALVES, 2015; MARQUES; SABOTA; SANTCLAIR, 2020). Paiva (2015, p. 33), por exemplo, afirma que o computador está presente em diversas instituições escolares e que este faz parte das práticas pedagógicas de vários professores. Além disso, a autora assevera que “caminhamos para um modelo de sala de aula com lousas digitais interativas, *e-books*, *notebooks*, telefones celulares e *tablets* conectados à internet em redes sem fio”.

Diante desse cenário, o presente estudo busca analisar em que medida os vídeos presentes no website *EngVid* podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa mediado pelas TDIC. Para tanto, iremos contextualizar o website com base em uma tabela<sup>2</sup> de critérios para avaliação de ferramentas digitais de informação e comunicação e analisar três vídeos presentes na página do *EngVid* de acordo com três propostas apresentadas por Moran (1995): vídeo como sensibilização, vídeo como conteúdo de ensino e vídeo como expressão.

<sup>2</sup> A tabela em questão foi elaborada durante a disciplina “Processos pedagógicos, mediações e tecnologias”, ministrada pela professora Dra. Barbra Sabota e pelo professor Dr. João Henrique, no ano de 2015, no programa de pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPGIELT).



Para tanto, a base teórica do trabalho está ancorada nos estudos sobre mediação pedagógica e as TDIC e a respeito do uso do vídeo na sala de aula. Dessa forma, pretendemos proporcionar ao leitor uma possível reflexão que valorize a relação dialética e política entre os sujeitos que utilizam esses vídeos para aprender línguas (sujeitos sociais) e a própria ferramenta (objeto técnico).

## MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E AS TDIC

Masetto (2013) atesta que o uso das TDIC no contexto educacional, no final do século XX, tinha propósitos apenas operacionais e comportamentalistas, ou seja, as estratégias de utilização dessas ferramentas não estavam vinculadas ao desenvolvimento das pessoas e sim ao seu 'treinamento'. O autor afirma que somente a partir do resgate da importância de se integrar as TDIC com a atitude de mediação pedagógica dos professores foi possível superar os propósitos supracitados. Moran (2012, p. 90) assevera que tal integração é um processo complexo e longo. Segundo o autor,

[os] educadores costumam começar utilizando-as para melhorar o desempenho dentro dos padrões existentes. Mais tarde, animam-se a realizar algumas mudanças pontuais e, só depois de alguns anos, é que educadores e instituições são capazes de propor inovações, mudanças mais profundas em relação ao que vinham fazendo até então. Não basta ter acesso à tecnologia para ter o domínio pedagógico. Há um tempo grande entre conhecer, utilizar e modificar processos.

Para que os docentes se apropriem dessas novas tecnologias de uma forma inovadora em suas aulas, o domínio dessas ferramentas deve superar o viés técnico. Nessa direção, faz-se necessário haver uma capacitação pedagógica contínua para que esses profissionais saibam integrar as TDIC em suas práticas de sala de aula. Masetto (2013, p. 151) entende essa mediação pedagógica como um processo em que o professor é o mediador entre o aprendiz e sua aprendizagem, o incentivador, o motivador dessa aprendizagem e que, apesar de desempenhar o papel de especialista que possui algumas experiências e/ou conhecimentos



eventualmente, o mais das vezes ele atua como orientador, consultor e dinamizador das tarefas do aprendiz.

A mediação pedagógica encarada dessa forma requer uma reinserção do sujeito cognoscente no processo de construção do conhecimento (SUANNO, 2013), pois o professor deixa de ser o único detentor do conhecimento e assume uma postura de mediador desses saberes entre o aluno e sua aprendizagem. No entanto, não basta somente o professor assumir essa nova postura de incentivador, é importante que o aprendiz também se torne ativo e visto como parte no processo de construção do conhecimento, uma vez que o aluno passa a ser encarado como sujeito responsável pelas suas ações no processo de aprendizagem e promove mudanças nas suas atitudes para que possam desenvolver a autoaprendizagem e a interaprendizagem (MASETTO, 2013).

Como algumas características da mediação pedagógica, o autor destaca:

- dialogar permanentemente de acordo com o que acontece no momento, trocar experiências;
- debater dúvidas, questões ou problemas; apresentar perguntas orientadoras; orientar nas carências e dificuldades técnicas ou de conhecimento quando o aprendiz não consegue encaminhá-las sozinho;
- garantir a dinâmica do processo de aprendizagem; propor situações-problema e desafios; desencadear e incentivar reflexões; colaborar para estabelecer conexões entre o conhecimento adquirido e os novos conceitos; colaborar para desenvolver crítica com relação à quantidade e à validade das informações obtidas; cooperar para que o aprendiz use e comande as novas tecnologias para suas aprendizagens, e que não seja comandado por elas ou por que as tenha programado; colaborar para que se aprenda a comunicar conhecimentos, quer pelos meios convencionais, quer pelas tecnologias;
- promover o intercâmbio entre a aprendizagem e a sociedade na qual estamos inseridos, nos mais diferentes aspectos; fazer a ponte com outras situações análogas; colocar o aprendiz frente a frente com questões éticas e profissionais, por vezes conflitivas (MASETTO, 2013, p. 151-152).

Sob essa perspectiva, a mediação pedagógica evidencia o papel de agência do aluno e permite a ele o comando das TDIC em suas práticas de estudo. Acreditar no aprendiz é imprescindível nesse processo de mediação pedagógica em que um depende do outro (professor/aprendiz



assim como aprendiz/professor) para estabelecerem qualquer forma de diálogo e/ou colaboração. É necessário, acrescenta-se, que o professor saiba selecionar quais técnicas usar para favorecer o processo de aprendizagem dos discentes nas dimensões: “intelectual, afetiva, atitudinal e de habilidades” (MASETTO, 2013, p. 153).

Toschi (2011), por sua vez, compreende mediação como uma categoria da dialética que, como todas as outras categorias, é dinâmica, contextual, histórica, interrelacional e complexa. Segundo a autora, no processo pedagógico a mediação é dupla, pois há a mediação do professor no processo de relação dos alunos com os conteúdos, assim como a mediação do dispositivo ao qual o aluno tem acesso que, no caso das TDIC, complexifica a mediação docente devido à grande quantidade de informações disponíveis nessas ferramentas. Dessa forma, o professor torna-se responsável por tarefas mais complexas do que a de transmissão de saberes, visto que seu papel será o de “fazer mediações neste espaço de relações entre o estudante, o conhecimento e os meios divulgadores do saber, ou que possibilitam acesso às diferentes informações” (TOSCHI, 2011, p. 119). Feitos alguns apontamentos sobre a mediação pedagógica por meio das TDIC, avançamos na discussão abordando o uso do vídeo como facilitador no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa.

## **O USO DO VÍDEO NA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA**

Moran (1995) já advogava pela utilização do vídeo na escola há mais de 25 anos atrás, pois acreditava que esse recurso poderia ajudar o docente em suas mediações pedagógicas, assim como atrair os alunos para o conteúdo da aula. Segundo o autor, o vídeo ‘toca todos os sentidos’ e faz parte do tangível, do íntimo, do imediato, o que implica, também, a compreensão de que as linguagens presentes nos vídeos são multissensoriais, uma vez que “mexem com o corpo, com a pele – nos toca e ‘tocamos’ os outros, estão ao nosso alcance através de recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos” (MORAN, 1995, p. 27, grifos no original).



Gumesson (2010) menciona alguns dos benefícios da utilização de vídeos em aulas de língua inglesa como a aproximação dos discentes com diferentes sons e sotaques produzidos a partir de repertórios em inglês. Interação essa possibilitada pelas atividades com vídeos que, segundo a autora, em um contexto de aprendizagem colaborativa proporciona: autonomia e reflexão; a possibilidade de foco na abordagem comunicativa; a utilização do vídeo como ferramenta motivacional; e a oportunidade do professor abordar conteúdos e temas transversais presentes nos vídeos, tornando possível “um ambiente democrático para a discussão, no qual os alunos podem opinar e debater acerca de assuntos relacionados às diversas áreas estudadas no contexto escolar ou no contexto sociocultural em que estão inseridos” (GUMESSON, 2010, p. 526).

Segundo Stempleski (2002 *apud* GUMESSON, 2010), as atividades relacionadas ao vídeo podem ser trabalhadas em três momentos da aula: *previewing*, *viewing* ou *postviewing activities*. Em uma *previewing activity*, por exemplo, os alunos podem fazer um *brainstorming* relacionado ao tema principal abordado no vídeo. Em uma *viewing activity*, o professor pode pedir para que os alunos observem a formalidade ou informalidade das conversas ou analisem tópicos específicos do vídeo (sotaque, expressões idiomáticas estudadas durante as aulas, gírias etc.) enquanto o assistem. Em uma *postviewing activity*, os alunos podem debater sobre o assunto tratado no vídeo, produzir textos, regravar o vídeo com modificações (mudança de sotaque e/ou expressões idiomáticas, adequações ao contexto dos alunos etc.), ou ainda, fazer uma peça de teatro dramatizando partes do vídeo.

Moran (1995) apresenta algumas orientações de como utilizar o vídeo antes, durante e depois da sua exibição. Segundo o autor, antes da exibição do vídeo é preciso informar somente aspectos gerais deste (duração, atores ou personagens) sem interpretações ou pré-julgamentos para que os alunos possam fazer as suas próprias leituras. Durante a exibição é importante observar as reações dos alunos (notar se estão apreciando os vídeos, se estão compreendendo o conteúdo ou não) e, caso o vídeo seja muito longo, já avançar para as cenas que serão importantes naquela aula. Depois da exibição é necessário perguntar aos alunos o que entenderam sobre o vídeo, rever cenas que possam ser importantes ou difíceis chamando a





atenção para outros aspectos (trilha musical, cenário, efeitos, vestuário, personagens etc.) e, se necessário, mostrar o vídeo mais uma vez.

Para utilizar o vídeo de forma consciente e política no processo de ensino-aprendizagem, acreditamos ser preciso muito mais do que seguir as orientações dadas acima. Como bem nos recorda o patrono da educação brasileira Paulo Freire, “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 40). Desse modo, o professor deve planejar e traçar objetivos que deverão ser contemplados no decorrer das atividades mediadas pelo instrumento físico (vídeo) e que possam permitir ao aprendiz “o desenvolvimento de sistemas simbólicos, estruturas complexas e articuladas em que se organizam os signos” (BESSA, 2008, p. 61), além de promover uma prática capaz de “reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 1996, p. 28). Infelizmente, nem todo professor utiliza o vídeo de forma política e acaba negligenciando o potencial transformador dessa ferramenta para o processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Moran (1995) discorre sobre cinco usos inadequados de vídeos em aula que contribuem para o acúmulo de aspectos negativos acerca dessa ferramenta. O *vídeo-tapa buraco* é aquele colocado quando alguma situação inesperada ocorre na escola, como a ausência de docentes. O autor afirma que se utilizado eventualmente nessa situação específica de falta de professores, o vídeo pode até ser útil, porém se feito com frequência, desvaloriza o seu uso e pode fazer com que o aluno associe o visionamento de vídeos a não ter aula. O *vídeo-enrolação* diz respeito aos vídeos que não têm muita ligação com o conteúdo da aula/matéria. O estudioso alerta que pode parecer que não, mas o aluno percebe o mau uso do vídeo e isso pode se tornar um bloqueio no processo de aprendizagem do indivíduo. O *vídeo-deslumbramento* refere-se ao professor que descobre o uso do vídeo e utiliza somente essa ferramenta em todas as aulas. Isso pode tornar a aula chata e repetitiva. O *vídeo-perfeição* refere-se aos professores que reclamam de todos os vídeos porque estes possuem conceitos problemáticos e/ou defeitos de informação ou estéticos. O autor advoga que, na verdade, esses vídeos ‘problemáticos’ podem ser utilizados para que os alunos reflitam e construam



suas críticas baseadas nessas produções imagéticas defeituosas. Por último, o *só vídeo* está relacionado aos professores que passam o vídeo e não o discutem, não o integra ao assunto da aula e não busca retomar aspectos importantes presentes na produção imagética.

Dessa maneira, a utilização de vídeos nas aulas de línguas deve ser compreendida como ato político e premissa de questões de poder e acesso que vão além da pronúncia, sotaque, falante nativo, dentre outras categorias presentes nessas produções imagéticas. A seguir, situamos o modo como o estudo foi desenvolvido.

## METODOLOGIA

De natureza qualitativo-interpretativista (MOITA LOPES, 1994), realizamos este estudo com o intuito de analisar e compreender em que medida os vídeos presentes no website *EngVid* podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa. Para isso, faremos uma breve contextualização da página da Internet *EngVid* e, em seguida, analisaremos três vídeos presentes no site com vistas a apresentar as suas potencialidades no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem de línguas, mais especificamente, de língua inglesa. A contextualização será feita com base em uma tabela que apresenta critérios para avaliação de cursos e ferramentas TDIC elaborada pela professora Dra. Barbra Sabota em 2015. No que diz respeito aos vídeos, os seguintes critérios nortearam as nossas escolhas: o tempo de duração dos vídeos deveria ser menor do que quinze minutos; os conteúdos abordados em cada vídeo deveriam ser diferentes um do outro; os níveis (iniciante, intermediário e avançado) deveriam estar de acordo com os níveis propostos no site; e os três vídeos precisavam conter as legendas na língua-alvo. Para a análise dos vídeos, sustentamos nas três propostas de utilização de vídeos apontadas por Moran (1995): vídeo como sensibilização, vídeo como conteúdo de ensino e vídeo como expressão.





## ENGVID: O QUE É?

O *EngVid* é um website voltado para a aprendizagem de língua inglesa. São professores de diferentes nacionalidades responsáveis por ministrar vídeo-aulas que, de acordo com o site, têm por tópicos: inglês para negócios, compreensão, cultura e dicas, provas, expressões idiomáticas, gramática, pronúncia, gírias, habilidade oral, aulas preparatórias para exames como TOEFL, TOEIC e IELTS, vocabulário e escrita. O *EngVid* também tem páginas hospedadas no *YouTube*<sup>3</sup>, *Facebook*<sup>4</sup> e *Twitter*<sup>5</sup>. De acordo com o website, já é possível ter acesso a mais de 870 lições que abordam os diversos tópicos listados acima. Os professores avaliam e postam suas lições de acordo com os assuntos supracitados e em níveis iniciante, intermediário e avançado<sup>6</sup>. É possível, ainda, que o usuário escolha seu nível, o tópico da lição e o professor para ter acesso ao conteúdo dos vídeos. Para tanto, basta clicar no ícone *all lessons* e, em seguida, *English lesson finder*. O site está em inglês e não é necessário qualquer tipo de cadastro ou pagamento para ter acesso aos conteúdos presentes na página.

No que diz respeito aos aspectos técnicos, o site não possui tutorial ou FAQ<sup>7</sup>, porém clicando em *privacy policy*<sup>8</sup> é possível encontrar o endereço eletrônico da empresa e enviar *e-mails* relatando qualquer tipo de dúvidas referentes ao site. As interfaces<sup>9</sup> para a utilização da ferramenta são simples, sendo necessário um teclado devidamente instalado, um monitor e caixas de som. O *design* do website é atrativo e o tamanho da fonte utilizada é legível. As informações estão dispostas da seguinte forma: menu principal no topo, barra de pesquisa ao lado do conteúdo principal e perfil do usuário no canto superior direito.

<sup>3</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/user/engvidenglish> > Acesso em: 06 ago. 2015.

<sup>4</sup> Disponível em: < [https://www.facebook.com/learn.english.free/info?tab=page\\_info](https://www.facebook.com/learn.english.free/info?tab=page_info) > Acesso em: 06 ago. 2015.

<sup>5</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/engvid> > Acesso em: 06 ago. 2015.

<sup>6</sup> Não há critérios explícitos apresentados no site para a classificação dos usuários nos níveis mencionados.

<sup>7</sup> Frequent Asked Questions.

<sup>8</sup> Política de privacidade.

<sup>9</sup> Para Lévy (2010, p. 37), as interfaces são “os aparatos materiais que permitem a interação entre o universo da informação digital e o mundo ordinário”.



Acerca do aspecto acessibilidade, é possível afirmar que o website *EngVid* não possui um sistema de controle de acessos, não permite acesso *off-line* e não possui nenhum tipo de educação inclusiva, porém permite acesso aos vídeos sem que seja necessário realizar *download* do material e é totalmente gratuito.

No que tange aos aspectos práticos, o *EngVid* oferece a oportunidade de o usuário criar e customizar o seu perfil no site, deixar comentários sobre os vídeos<sup>10</sup> e a página favorece a multimodalidade a partir da interação entre as linguagens oral, escrita, visual e auditiva. Os conteúdos são variados e apresentados de acordo com o foco da lição (vocabulário, aspectos culturais, gramática, testes de proficiência etc.), porém todos os professores ensinam os tópicos da mesma forma - a partir de exemplos já anotados no quadro antes da gravação do vídeo e com foco na exposição oral. Após o visionamento das vídeo-aulas, o usuário pode responder a um *quiz* sobre o conteúdo estudado e obter resultado instantâneo acerca do seu desempenho na lição.

Por último, há uma parte – *resources* – dedicada à realização de exercícios escritos que abordam aspectos gramaticais, de vocabulário e ortografia. Nesta seção, o usuário pode fazer *download* de todas as atividades gratuitamente e contar com uma chave de respostas na própria folha de exercícios para auxiliá-lo durante a correção.

## **PRIMEIRO VÍDEO – “CLASSROOM ENGLISH: VOCABULARY & EXPRESSIONS FOR STUDENTS<sup>11</sup>”**

Este vídeo tem duração de 9m36s e o tópico abordado na lição diz respeito ao vocabulário e expressões comuns usadas por professores e alunos em salas de aula de língua inglesa. A vídeo-aula é ministrada pelo professor Adam, de nacionalidade canadense. Como já mencionado anteriormente, não há critérios claros de classificação dos vídeos para alunos

<sup>10</sup> Apesar de haver a opção ‘deixe um comentário’, este passa por uma avaliação pela equipe do site que decidirá se a mensagem poderá ou não aparecer no mural.

<sup>11</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=OqaL1YP0pNM> >. Acesso em: 11 out. 2021.



iniciantes, intermediários e/ou avançados. Ao que tudo indica, o professor responsável pela aula é quem classifica o vídeo nesses níveis e escolhe o(s) tópico(s) que mais condiz(em) com o(s) tema(s) abordado(s) durante a aula. Na videoaula de Adam, o nível é para iniciantes e aborda os tópicos vocabulário e habilidade de fala. Para ativar as legendas, basta clicar no ícone ‘legendas/CC’.

Adam começa apresentando expressões utilizadas por docentes em aulas de inglês como ‘fazer chamada’, ‘estar atrasado’, ‘estar presente’, ‘ter justificativa para a ausência’ e alguns comandos como ‘levante a mão’, ‘sente-se’, ‘abram o livro na página...’, ‘peguem o livro, a caneta etc.’, ‘trabalhem em grupos, pares, trios etc.’ e ‘preste atenção em’. Em seguida, algumas expressões mobilizadas pelos discentes nas aulas de língua inglesa são apresentadas, tais como ‘eu não entendi a última parte/ a parte sobre...’, ‘você poderia repetir, por favor!’, ‘você poderia falar mais devagar?’, ‘como se diz essa palavra em inglês/português?’, ‘você poderia usar essa palavra em uma frase?’, ‘poderia me dar um exemplo com essa palavra?’.

No final do vídeo, Adam sugere que os alunos não tenham vergonha de fazer perguntas para seus professores. O professor afirma, ainda, que, caso haja qualquer tipo de dúvidas acerca do conteúdo apresentado, é possível deixar comentários que ele irá lê-los e dar contribuições<sup>12</sup>, além de lembrar os aprendizes da possibilidade de fazer o *quiz* sobre a matéria estudada.

## **POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DO VÍDEO “CLASSROOM ENGLISH: VOCABULARY & EXPRESSIONS FOR STUDENTS” COMO ESTRATÉGIA DE SENSIBILIZAÇÃO**

A proposta de utilização de vídeos defendida por Moran (1995) que embasa as nossas análises aqui é a de vídeo como sensibilização. Segundo o autor, esse tipo de vídeo é utilizado para introduzir assuntos novos, despertar a curiosidade dos alunos e a motivação para novos

---

<sup>12</sup> De fato, na seção dedicada aos comentários dos usuários, é possível notar diversas réplicas do professor Adam.



temas, além de incitar a vontade de pesquisar nos alunos para aprofundar os assuntos tratados no vídeo.

Ao ter em mente que a ferramenta sozinha não é capaz de criar estruturas de apoio para que o aluno desenvolva suas habilidades de comunicação e reflexão crítica na língua inglesa, o papel do professor e dos colegas é imprescindível na construção de um diálogo colaborativo a fim de gerar aprendizagem (FIGUEIREDO; GONÇALVES, 2015). Nesse sentido, sugerimos que o professor inicie a aula se apresentando, perguntando os nomes dos alunos, comentando um pouco sobre o assunto tratado no vídeo e esclarecendo os objetivos que pretende alcançar com a produção imagética e as atividades que serão realizadas a partir dela. É importante que haja essa contextualização, uma vez que o vídeo está em inglês e isso pode causar estranhamento para alunos iniciantes. Sendo assim, aconselhamos que o vídeo seja passado duas ou até três vezes antes da realização de atividades.

A busca de professores por incluírem as TDIC em suas mediações pedagógicas consiste também na integração dos alunos nessas práticas de utilização e domínio das ferramentas digitais. Para tanto, uma alternativa pedagógica eficaz de abordagem do conteúdo presente no vídeo *classroom English: vocabulary & expressions for students* é utilizar o processador de texto *Word*<sup>13</sup> ou o aplicativo online *Padlet* para os alunos criarem listas e/ou murais com as expressões ensinadas pelo professor Adam durante o vídeo. A turma pode ser dividida em grupos e metade dos grupos fica responsável pelas expressões mais usadas pelo professor e a outra metade cria seus murais/listas de acordo com as sentenças que são geralmente utilizadas por alunos. Como o visionamento do vídeo em questão poder ser feito nas primeiras aulas do período letivo e com alunos iniciantes, é um material que pode servir para que os aprendizes se sintam motivados e despertem em si a curiosidade (MORAN, 1995) e a vontade de se comunicar na língua-alvo nas aulas seguintes.

---

<sup>13</sup> É importante que o professor explore a ferramenta primeiramente com os alunos mostrando as diversas possibilidades de utilização desta.



Para a produção dos murais, é possível que os alunos pesquisem imagens na *Internet* e as anexem ao lado das sentenças como forma de auxílio na compreensão dos termos. O professor pode solicitar, ainda, que as listas ou murais sejam impressos, anexados nos cadernos ou publicados em *blogs* ou no *Tumblr* (caso tenham) dos alunos, além da alternativa de escolher alguns trabalhos e confeccionar murais de tamanho ampliado que possam ser anexados nas paredes da sala de aula.

Em relação ao *quiz* que é disponibilizado gratuitamente logo abaixo do vídeo, o professor pode exibi-lo em um projetor, dividir a sala em grupos e promover jogos entre os alunos após a realização das outras atividades no intuito de verificar se compreenderam, de fato, o conteúdo presente no vídeo. Esses momentos potencializam negociações entre os alunos no que tange à escolha da forma e do conteúdo que farão parte dos trabalhos, além da possibilidade de conhecer melhor os colegas e, assim, estabelecer relações interpessoais e de confiança.

## SEGUNDO VÍDEO – “HOW TO SPELL PLURAL NOUNS EASILY”<sup>14</sup>

O vídeo tem duração de 8m10s e o tópico abordado na lição diz respeito à formação do plural dos substantivos em Inglês. A vídeo-aula é ministrada pela professora Rebecca e não há informações acerca da sua nacionalidade em seu perfil. O nível da vídeo-aula está classificado em intermediário e o tópico é ‘gramática’. Para ativar as legendas, basta clicar no ícone ‘legendas/CC’.

A professora apresenta alguns exemplos de substantivos nas formas singular e plural. Rebecca inicia seu vídeo com a forma mais comum do plural em Inglês – acrescentando o ‘s’ no final do substantivo. Em seguida, a professora explica algumas exceções na formação do plural em língua inglesa. A primeira exceção diz respeito ao acréscimo das letras ‘es’ em substantivos terminados em ‘ch, sh, ss, s, x, o, z’, como por exemplo, *watch - watches / buzz -*

<sup>14</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=kg7PouRs2Lg> >. Acesso em: 11 out. 2021.



*buzzes / bus - buses*. A próxima parte do vídeo diz respeito aos substantivos terminados em ‘y’ precedidos de uma consoante. Em Inglês, quando isso ocorre é necessário retirar o ‘y’ e acrescentar as letras ‘ies’, como em *body - bodies / baby - babies*. A terceira parte do vídeo é sobre os substantivos terminados em ‘f’ e ‘fe’. Nesses casos, as letras ‘f’ e ‘fe’ são substituídas por ‘ves’. Exemplos: *wife - wives / calf - calves*. A última parte do vídeo está voltada para outras exceções (plurais irregulares) como *child - children / man - men / sheep - sheep*.

No final do vídeo, Rebecca escreve alguns substantivos no singular no quadro e ‘pede ao possível telespectador aprendiz de inglês para colocá-los no plural’ e em seguida ‘corrige os exercícios’. A professora também faz menção à possibilidade de *download* da página de recursos que contém todas as explicações feitas por ela durante o vídeo e várias outras exceções sobre o caso gramatical não abordadas, além de uma lista de exercícios referente ao uso do plural em inglês.

## POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DO VÍDEO “HOW TO SPELL PLURAL NOUNS EASILY” COMO CONTEÚDO DE ENSINO

Segundo Moran (1995, p. 29), o vídeo como conteúdo de ensino apresenta determinado assunto de forma direta ou indireta: “de forma direta, quando informa sobre um tema específico orientando a sua interpretação” ou “de forma indireta, quando mostra um tema, permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares”. O vídeo *how to spell plural nouns easily* apresenta o conteúdo de forma direta, porém pode ser utilizado de diversas maneiras durante a mediação pedagógica.

Uma das formas de utilização desse vídeo é após a leitura de pequenos textos que possuam exemplos de substantivos no singular e no plural. O docente pode utilizar o *software Prezi* para criar slides mais atrativos e diversificados e, assim, chamar a atenção dos aprendizes para a história e a leitura de textos em LI. Acreditamos ser interessante o professor pedir aos





alunos para lerem e discutirem o texto antes de abordar qualquer aspecto gramatical, pois a leitura não se trata de um simples “processo passivo de decodificar símbolos escritos”, mas, sim, de “uma atividade construtiva sendo que a riqueza do sentido que o leitor extrai de sua leitura depende da qualidade do material e da amplitude e profundidade de sua compreensão conceitual” (FIGUEIREDO, 1985, p. 47).

Dito isso, após uma discussão mais aprofundada sobre o conteúdo do texto, o docente pode fazer uma breve explanação do tópico gramatical *Singular and Plural Nouns* e solicitar aos alunos que assistam ao vídeo *How to spell plural nouns easily* atentamente e anotem as partes e/ou exemplos que considerarem mais importantes. Neste momento, é de extrema relevância perguntar aos alunos se todos compreenderam o conteúdo do vídeo e, se necessário, repeti-lo. O docente pode, ainda, projetar novamente no quadro o texto discutido no início da aula, mas dessa vez com os substantivos ali presentes representados por figuras.

Neste momento, a tarefa dos aprendizes pode ser a de escrever corretamente o plural dessas palavras. Para a realização da atividade, é possível dividir a turma em grupos. Cada grupo, de no máximo 5 alunos, fica responsável por escrever no quadro o que as figuras projetadas nos slides representam<sup>15</sup>. Se o docente quiser tornar a atividade mais dinâmica, é possível, ainda, estabelecer os minutos em que cada slide ficará projetado na tela.

O *quiz* disponível na página do *EngVid* também pode ser utilizado para a realização de exercícios extras sobre o conteúdo, além de auxiliar os discentes com outros tipos de plural que não foram abordados no vídeo da professora Rebecca.

### **TERCEIRO VÍDEO – “THE INFLUENCE OF SHAKESPEARE ON EVERYDAY ENGLISH”<sup>16</sup>**

<sup>15</sup> É importante o professor ter uma noção de quantos alunos a turma é composta para que possa haver uma divisão igualitária de slides projetados para os grupos.

<sup>16</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=alInQ7nzKrI> >. Acesso em: 11 out. 2021.



Este vídeo tem duração de 13m2s e os tópicos abordados na lição referem-se à cultura inglesa e às expressões idiomáticas. A vídeo-aula é ministrada pela professora Gill, de nacionalidade inglesa, que possui experiência de mais de 28 anos ensinando inglês como língua estrangeira/adicional. O nível estabelecido na vídeo-aula da professora Gill é para alunos avançados e o conteúdo do vídeo diz respeito à influência de Shakespeare no inglês atual. Por se tratar de uma aula que aborda aspectos culturais, aconselhamos que a legenda<sup>17</sup> do vídeo seja ativada.

A professora inicia sua videoaula com uma breve contextualização acerca da vida de William Shakespeare e discorre sobre a influência de sua escrita no inglês moderno. Gill seleciona 14 expressões retiradas de peças e poemas de Shakespeare e as explica a partir de exemplos e situações corriqueiras. As expressões são: *a sorry sight* (alguém ou alguma coisa ruim de se olhar), *wearing your heart on your sleeve* (pessoas que expressam seus sentimentos abertamente), *in a pickle* ('numa fria'), *there's method in my madness* (existe explicação para os comportamentos mais estranhos), *too much of a good thing* (coisas boas demais podem se tornar ruins), *break the ice* (quebrar o gelo), *catch a cold* (ficar gripado), *full circle* (andar em círculos), *heart of gold* (coração de ouro), *hot-blooded* (pessoa de sangue quente ou que fica com raiva facilmente), *housekeeper* (dona de casa), *it's Greek to me* (Isso é Grego para mim! Algo incompreensível, indecifrável), *seen better days* (estar em condições ruins) e *star-crossed lovers* (amantes sem sorte).

Após a explanação das expressões idiomáticas, Gill convida os aprendizes para fazerem o *quiz* e verificarem se, de fato, compreenderam o significado dos termos escritos por Shakespeare e explicados por ela a partir de exemplos de sentenças comuns no Inglês atual.

## POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DO VÍDEO “THE INFLUENCE OF SHAKESPEARE ON EVERYDAY ENGLISH” COMO PRODUÇÃO

<sup>17</sup> As legendas dos vídeos que foram escolhidos para as análises desta pesquisa foram verificadas pelo pesquisador antes das análises e são seguras. No entanto, há vídeos no website em que a legenda é produzida automaticamente. Desse modo, aconselhamos aos aprendizes e professores que verifiquem as legendas dos vídeos antes da utilização destes.



Segundo Moran (1995), o uso do vídeo como produção é uma forma de comunicação que pode aproximar os alunos do universo da escola. O autor advoga que “as crianças adoram fazer vídeos e a escola precisa incentivar o máximo possível a produção de pesquisas em vídeos pelos alunos” (MORAN, 1995, p. 28). Assim, o estudioso nos lembra que o vídeo como produção pode incentivar os alunos a produzirem conteúdos novos dentro de uma matéria ou dentro de um trabalho interdisciplinar.

Partindo dos pressupostos apresentados por Moran (1995), sugerimos o uso do vídeo *The influence of Shakespeare on everyday English* como forma de produção. Tal proposta visa a gravação de outro vídeo encenando uma peça de teatro ou situações corriqueiras em que as expressões listadas por Gill em sua vídeo-aula sejam utilizadas pelos aprendizes de língua inglesa.

Para a realização desta proposta, o professor pode iniciar a aula contextualizando brevemente a história de Romeu e Julieta, Hamlet, ou ainda, do Rei Lear<sup>18</sup> no intuito de chamar a atenção dos discentes para algumas das obras mais conhecidas de William Shakespeare e o poder que essas obras e o autor exercem ainda hoje na literatura, no teatro e na própria língua inglesa. É possível fazer essa contextualização a partir de trechos de outros vídeos ou de frases do autor que ficaram conhecidas como: ‘*To be or not to be that’s the question*’ ou ‘*Romeo, Romeo! Wherefore art thou Romeo?*’.

O professor pode questionar os alunos se as palavras e/ou expressões criadas ou registradas por Shakespeare nos séculos XVI e XVII ainda fazem parte do vocabulário da língua inglesa. Após a discussão, o vídeo da professora Gill pode ser mostrado para a turma<sup>19</sup> com o fito de

---

<sup>18</sup> Hamlet, Macbeth e Rei Lear são consideradas as três tragédias mais famosas escritas por William Shakespeare (1564 – 1616).

<sup>19</sup> Faz-se importante o professor passar o vídeo duas ou até vezes, pois algumas expressões apresentadas por Gill (e.g. ‘in a pickle’ e ‘star-crossed lovers’) são explicadas a partir de elementos culturais regionais ingleses que podem ser complicados para um aprendiz de LE/inglês brasileiro compreender.



apresentar aos aprendizes o legado de Shakespeare, que se faz atual por ter muitas das palavras e expressões registradas em suas obras compondo o léxico do inglês na atualidade.

Faz-se imprescindível os aprendizes ter em mãos as expressões explicadas pela professora Gill para a realização da proposta. Sendo assim, o mediador pode digitá-las e imprimi-las antes da aula ou, ainda, criar uma lista de vocabulário no aplicativo *Padlet* e pedir aos alunos para tirarem fotos dos termos com as câmeras de seus celulares.

O próximo passo da atividade é explicar aos aprendizes o que eles farão com as expressões listadas por Gill. Uma sugestão interessante é pedir aos alunos para formarem grupos e dirigirem uma peça de teatro utilizando as expressões apresentadas no vídeo. A peça poderia ser apresentada pelos aprendizes nas aulas de inglês ou para os colegas de outras turmas da escola. Como a nossa intenção aqui é a utilização do vídeo como forma de produção, outra proposta interessante seria pedir para a turma se dividir em grupos e gravar seus vídeos utilizando o *software Windows Movie Maker* para edição do material. Outra possibilidade de produção seria o uso do *software PowToon* para a gravação de animações com áudio em que as expressões estudadas possam aparecer nas produções dos alunos. O conteúdo presente nas animações não precisa estar diretamente relacionado à literatura ou às tragédias de Shakespeare, podendo também abordar situações corriqueiras da vida dos aprendizes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Finalmente o vídeo está chegando à sala de aula. E dele se esperam, como em tecnologias anteriores, soluções imediatas para os problemas crônicos do ensino-aprendizagem” (MORAN, 1995, p. 27). Como aponta o excerto anterior, as ‘novas tecnologias’ (vídeos, computadores, *tablets*, *smartphones*, para mencionar alguns), desde quase trinta anos atrás, carregam em seu bojo um histórico de possível panaceia para os problemas educacionais.

Entretanto, a narrativa de que a tecnologia por si só é capaz de revolucionar a educação linguística passa a ser desconstruída e ressignificada a partir da realização de estudos



hodiernos inscritos em diferentes áreas do conhecimento, tais como Educação, Linguagem, Tecnologia, Linguística Aplicada etc. Desse modo, percebe-se uma mudança de perspectiva com relação ao uso das TDIC, visto que grande parte dos docentes participantes dessas investigações já fazem uso dessas tecnologias de modo político e engajado.

Exemplo disso é o presente estudo cujo objetivo foi analisar e compreender em que medida os vídeos presentes no website *EngVid* podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa a partir de sua utilização como forma de sensibilização, conteúdo de ensino e expressão. A nossa intenção não foi a de simplesmente oferecer dicas de utilização de vídeos em aulas de línguas, mas advogar que mediação pedagógica e mediação tecnológica estão interrelacionadas e não são neutras, ou seja, professor e aparato tecnológico desempenham papéis políticos, contingentes e imprescindíveis de serem levados em consideração durante o processo de mediação pedagógica. Desse modo, compreendemos que as sugestões de utilização dos vídeos apresentadas ao longo deste estudo também são passíveis de problematização e mudança, a depender dos propósitos da aula e da noção de língua/gem adotada pelo professor.

Por fim, as análises demonstraram que é possível integrar os vídeos presentes no *EngVid* à outras TDIC de forma inovadora e a partir de atividades que buscam valorizar o papel político dos agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de línguas. Dessa forma, acreditamos que a mera reprodução dessas produções imagéticas sem provocar qualquer tipo de problematização e/ou reflexão é pouco ou nada válida. Por outro lado, a partir do momento que os sujeitos que utilizam esses vídeos para aprender línguas (sujeitos sociais) e a própria ferramenta (objeto técnico) são integrados numa relação dialética, política e não-hierárquica é possível encontrar meios mais profícuos para a mediação pedagógica crítica e política pautada pelo uso das TDIC.



## REFERÊNCIAS

BESSA, Valéria da Hora. **Teorias da aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FIGUEIREDO, Célia Assunção. **A Organização Textual e o Ensino da Leitura em Inglês**. Ilha do Desterro (UFSC), UFSC/SC, n.13, 1985.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de; GONÇALVES, Rejane Maria. Você já blogou hoje? Estudo sobre o uso de *blogs* nas aulas de língua inglesa. In: JESUS, Dánie Marcelo de; MACIEL, Ruberval Franco. (Org.). **Olhares sobre tecnologias digitais**: linguagens, ensino, formação e prática docente. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada. Campinas: Pontes, 2015, v. 44, p. 325-353.

GUMESSON, Duanny Woiciechowski Batista. A utilização de vídeos em aulas de Inglês para o Ensino Médio. **Polyphonia**, v. 21/2, jul./dez. 2010, p. 519-536.

LÉVY, Pierre. **Ciberultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Editora 34. Idioma: Português, 2010.

MARQUES, Gerson Rodrigues; SABOTA, Barbra; SANTCLAIR, Dllubia. Letramento digital e formação de professores: uma proposta com o aplicativo WhatsApp. **Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade**, v. 13, p. 178-189, 2020.

MASETTO, Marcos Tarciso. Mediação Pedagógica e Tecnologias de Informação e Comunicação. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. (Org.). **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papyrus, 2013, p. 141-171.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **Delta**, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**, n. 2, p. 27-35, 1995.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Papyrus Editora, 2012.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras. In: JESUS, Dánie Marcelo de; MACIEL, Ruberval Franco. (Org.). **Olhares**





**sobre tecnologias digitais:** linguagens, ensino, formação e prática docente. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada. Campinas: Pontes, 2015, v. 44, p. 21-34.

SOARES-VIEIRA, Azenaide Abreu. Abordagens de ensino de língua inglesa mediado por tecnologias e webtecnologias. In: JESUS, Dánie Marcelo de; MACIEL, Ruberval Franco. (Org.). **Olhares sobre tecnologias digitais:** linguagens, ensino, formação e prática docente. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada. Campinas: Pontes, 2015, v. 44, p. 35-44.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Outra finalidade para a educação: emerge uma didática complexa e transdisciplinar. In: ZWIEREWICZ, Marlene. **Criatividade e inovação no ensino superior:** experiências latino-americanas e europeias em foco. Blumenau: Nova Letra, 2013.

TOSCHI, Mirza Seabra. CMDI - Comunicação Mediada por Dispositivo Indutor: elemento novo nos processos educativos. In: LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. (Org.). **Didática e escola em uma sociedade complexa.** Goiânia: CEPED/PUC-Goiás, 2011, p. 113-132.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.